

Variações Linguísticas

A língua não é usada de modo homogêneo por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Ao trabalhar com o conceito de variação linguística, estamos pretendendo demonstrar:

- que a língua portuguesa, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme em todo o território brasileiro;

"Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações.(...) Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção."

(Celso Cunha, em *Uma política do idioma*)

- que a variação linguística manifesta-se em todos os níveis de funcionamento da linguagem ;
- que a variação da língua se dá em função do emissor e em função do receptor ;
- que diversos fatores, como região, faixa etária, classe social e profissão, são responsáveis pela variação da língua;
- que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. O que determina a escolha de tal ou tal variedade é a situação concreta de comunicação.
- que a possibilidade de variação da língua expressa a variedade cultural existente em qualquer grupo. Basta observar, por exemplo, no Brasil, que, dependendo do tipo de colonização a que uma determinada região foi exposta, os reflexos dessa colonização aí estarão presentes de maneira indiscutível.

Níveis de variação linguística

É importante observar que o processo de variação ocorre em todos os níveis de funcionamento da linguagem, sendo mais perceptível na pronúncia e no vocabulário. Esse fenômeno da variação se torna mais complexo porque os níveis não se apresentam de maneira estanque, eles se superpõem.

Nível fonológico - por exemplo, o l final de sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como um u; o r caipira; o s chiado do carioca.

Nível morfossintático - muitas vezes, por analogia, por exemplo, algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: "manteu" em vez de "manteve", "ansio" em vez de "anseio"; certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo. Há ainda variedade em termos de regência: "eu lhe vi" ao invés de "eu o vi".

Nível vocabular - algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade. Exemplos: em Portugal diz-se "miúdo", ao passo que no Brasil usa-se "moleque", "garoto", "menino", "guri"; as gírias são, tipicamente, um processo de variação vocabular.

Tipos de variação linguística

Existem dois tipos de variedades linguísticas: os dialetos (variedades que ocorrem em função das pessoas que utilizam a língua, ou seja, os emissores); os registros (variedades que ocorrem em função do uso que se faz da língua, as quais dependem do receptor, da mensagem e da situação).

- Variação Dialetal
 - Variação Regional
 - Variação Social
 - Variação Etária
 - Variação Profissional

- Variação de Registro
 - Grau de Formalismo
 - Modalidade de Uso
 - Sintonia

(Texto retirado do site <http://acd.ufrj.br/~pead/tema01/variacao.html>)

TEXTO I

A Rede Veia

Eu tava com a Felomena
Ela quis se refrescar
O calor tava malvado
Ninguém podia aguentar
Ela disse meu Lundru
Nós vamos se balançar
A rede veia comeu foi fogo
Foi com nois dois pra lá e pra cá

Começou a fazer vento com nois dois a palestrar
Filomena ficou beba de tanto se balançar
Eu vi o punho da rede começar a se quebrar
A rede veia comeu foi fogo
Só com nois dois pra lá e pra cá

A rede tava rasgada e eu tive a impressão
Que com tanto balançado nois terminava no chão
Mas Felomena me disse, meu bem vem mais pra cá
A rede veia comeu foi fogo
Foi com nois dois pra lá e pra cá

Luiz Queiroga e Cel. Ludugero

TEXTO II

Pescaria

Ô canoeiro,
bota a rede,
bota a rede no mar
ô canoeiro,
bota a rede no mar.

Cerca o peixe,
bate o remo,
puxa a corda,
colhe a rede,
ô canoeiro,
puxa a rede do mar.

Vai ter presente pra Chiquinha
ter presente pra laiá,
canoeiro, puxa a rede do mar.
Cerca o peixe,
bate o remo,
puxa a corda,
colhe a rede,
ô canoeiro,
puxa a rede do mar.

Louvado seja Deus,
ó meu pai.

Dorival Caymmi

TEXTO III

A Rede

Nenhum aquário é maior do que o mar
Mas o mar espelhado em seus olhos
Maior me causa o efeito
De concha no ouvido

Barulho de mar
Pipoco de onda
Ribombo de espuma e sal
Nenhuma taça me mata a sede
Mas o sarrabulho me embriaga
Mergulho na onda vaga
E eu caio na rede,
Não tem quem não caia
E eu caio na rede,
Não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe
De raios que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar
Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra
Nem quando ela acerta,
Nem quando ela erra
Nem quando ela envolve todo o Planeta

Explode e devolve pro seu olhar
O tanto de tudo que eu tô pra te dar
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove
Se a rede é maior do que o meu amor
Não tem quem me prove

Lenine e Lula Queiroga

TEXTO IV

Nina

Nina diz que tem a pele cor de neve
E dois olhos negros como o breu
Nina diz que, embora nova
Por amores já chorou
Que nem viúva

Mas acabou, esqueceu

Nina adora viajar, mas não se atreve
Num país distante como o meu
Nina diz que fez meu mapa
E no céu o meu destino rapta
O seu

Nina diz que se quiser eu posso ver na tela
A cidade, o bairro, a chaminé da casa dela
Posso imaginar por dentro a casa
A roupa que ela usa, as mechas, a tiara
Posso até adivinhar a cara que ela faz
Quando me escreve

Nina anseia por me conhecer em breve
Me levar para a noite de Moscou
Sempre que esta valsa toca
Fecho os olhos, bebo alguma vodca
E vou

Chico Buarque

1. Uma língua varia em função de aspectos sociais, localização geográfica e uso de diferentes registros, ligados às situações de comunicação.

Marque a alternativa que analisa corretamente a ocorrência de variação linguística nos textos.

- O verso “Nós vamos se balançar” (Texto 1, linha 6) apresenta um exemplo da modalidade culta da língua, revelada no emprego dos pronomes.
- No verso “A rede veia comeu foi fogo” (Texto 1, linha 7), a grafia da palavra sublinhada procura reproduzir pronúncia comum em algumas regiões do Brasil (veia por velha), que exemplifica uma variação fonética.
- Em: “E eu caio na rede / Não tem quem não caia” (Texto III, linhas 11 – 12), o emprego do verbo *ter* é marca do registro culto da língua, utilizado preferencialmente na modalidade escrita.
- Em: “Vai ter presente pra Chiquinha” (Texto II, linha 12), o nome “Chiquinha” exemplifica o uso do registro informal, utilizado, sobretudo, em documentos oficiais e sermões religiosos.
- No verso: “Posso até adivinhar a cara que ela faz” (Texto IV, linha 16) a palavra *cara* exemplifica uma variação de registro linguístico predominante em situações formais.

2. Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade.

Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. Nova gramática do português contemporâneo. Adaptado.

De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo

- inovador.
- restritivo.
- transigente.
- neutro.
- aleatório.

3.

PIRATAS DO TIETÊ LAERTE



(LAERTE. Piratas do Tietê. Folha de São Paulo. São Paulo, 29 ago. 2010.)

Sobre a linguagem utilizada entre marido e mulher no texto, considere as afirmativas a seguir.

- As personagens tratam-se de forma cerimoniosa, a começar pelo pronome de tratamento.
- A linguagem é artificial e caracteriza uma fase específica da história republicana no Brasil.
- O uso do vocativo “senhora” mostra uma forma pouco usada, atualmente, nas relações conjugais.
- A pessoa do discurso é um elemento que sugere distanciamento.

Assinale a alternativa correta.

- Somente as afirmativas I e II são corretas.
- Somente as afirmativas II e IV são corretas.
- Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.

4.



Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br>. Acesso em: 27 abr. 2010.

Calvin apresenta a Haroldo (seu tigre de estimação) sua escultura na neve, fazendo uso de uma linguagem especializada. Os quadrinhos rompem com a expectativa do leitor, porque

- Calvin, na sua última fala, emprega um registro formal e adequado para a expressão de uma criança.
- Haroldo, no último quadrinho, apropria-se do registro linguístico usado por Calvin na apresentação de sua obra de arte.
- Calvin emprega um registro de linguagem incompatível com a linguagem de quadrinhos.
- Calvin, no último quadrinho, utiliza um registro linguístico informal.
- Haroldo não compreende o que Calvin lhe explica, em razão do registro formal utilizado por este último.

Gabarito

1. B

Ao contrário do que se afirma em [A] e [C], o uso do pronome “se” e do verbo “ter” indica marcas de oralidade, típicas da linguagem informal, demonstrativa do cotidiano simples que o poema pretende retratar. Para se adaptarem ao registro culto, recomendado pelas regras da gramática normativa, as expressões em que estão inseridos deveriam ser substituídas por *nós vamo-nos balançar* ou *nós vamos balançar-nos* e *não há quem não caia*. Diminutivos e expressões idiomáticas não fazem parte do registro formal da língua, usado em documentos oficiais ou sermões religiosos, o que invalida também as afirmações em [D] e [E]. Assim, é correta a opção [C], pois a grafia da palavra “veia” reproduz a pronúncia comum em algumas regiões do Brasil, o que exemplifica uma variação fonética.

2. B

De todas as variedades de um idioma, a língua padrão comporta-se de forma restritiva, pois confere valor de prestígio a quem faz uso dela, deprecia as outras modalidades e limita a variação linguística: “Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.”

3. E

O pronome pessoal “vós” corresponde gramaticalmente à segunda pessoa do plural e pode ser dirigido a um grupo de pessoas ou a um interlocutor apenas quando se trata de um plural majestático (que exprime uma atitude de respeito e distanciamento para com o interlocutor), como se observa na tirinha de Laerte. O fato de os personagens pertencerem à aristocracia justifica o vocativo “senhora”, usado pelo marido, tratamento pouco usado atualmente entre cônjuges. Assim, são válidas as afirmativas I, III e IV assinaladas na opção [E].

4. D

A última frase de Calvin rompe com a expectativa do leitor, pois o uso da locução interjetiva “qual é!”, típica da linguagem informal, contrasta com o registro linguístico altamente especializado que vinha usando até o momento.